

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

11 – A Libertação do Espírito (I)

08.08.21

(Parte IV – Capítulo VIII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo
2020 - 2022

1

LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO		LIBERTAÇÃO DA NATUREZA	
<p>DESEJO: (semente)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Passivo: imóvel, sem expectativa - Ativo: imóvel e impessoal na mente <p>Suprema Vontade age através dos instrumentos purificados</p>	<p>EGO: (existência separativa)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer-se na idéia de unidade com o Divino Transcendental e com o Ser Universal - Entrega - vontade sem desejo 	<p>DUALIDADES:</p> <p>belo / feio, sucesso / fracasso</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livrar-se do apego - Afastar-se das dualidades pelo retirar-se interior 	<p>3 GUNAS: superioridade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tamas: quietude, calma divina - Rajas: vontade do espírito - Sattva: luz do Ser divino
PURIFICAÇÃO			
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)		MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)	
<ul style="list-style-type: none"> - Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetuação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial 		<ul style="list-style-type: none"> - Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compelidor do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação 	

PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS					
IGUALDADE	PLENOS PODERES				EVOLUÇÃO
Superioridade às reações da mente e vida - Unidade - Entrega - Desapego - Aceitação	ELEVAÇÃO DA NATUREZA - Inteligência - Coração - Mente - Vida - Corpo	FORÇA DE ALMA (Purusha) - Conhecer - Vigor - Mutualidade - Serviço	SHAKTI DIVINA Substituir energia e vontade pessoais pela ação da Shakti	SHRADHA Fé na presença e poder do Divino em nós e em suas efetuações	Mente intuitiva M. Iluminada Sobrememente Supramente Ser Gnóstico

A purificação do ser mental e do *prana* psíquico prepara o terreno para a libertação espiritual – deixaremos de lado, pelo momento, a questão da purificação do corpo e do *prana* físico, embora ela também seja necessária a uma perfeição integral.

Suddhi é a condição para *mukti*.

Toda purificação é uma libertação, uma entrega, pois purificar é rejeitar as imperfeições e confusões que limitam, amarram e obscurecem:

a purificação do desejo traz a libertação do *prana* psíquico;
a purificação das emoções falsas e das reações perturbadoras liberta o coração;
a purificação do pensamento limitado e obscurecido pela mente sensorial, liberta a inteligência;
a purificação da mera intelectualidade traz a liberdade da gnose.

Mas tudo isso é uma libertação dos instrumentos.

A liberdade da alma, *mukti*, é de caráter mais vasto e mais essencial; é a abertura da limitação mortal à imortalidade sem limites do Espírito.

Segundo certas concepções, a libertação é a rejeição de toda a natureza, o estado silencioso do ser puro, o nirvana ou extinção, uma dissolução da existência natural em algum Absoluto indefinível, *moksa*.

Porém, uma beatitude absorvida e imersa, a imensidão de uma paz inativa, a libertação pela auto extinção ou a auto imersão no Absoluto não é nosso objetivo.

Para nós, a ideia de libertação, *mukti*, corresponde apenas a essa mudança interior própria a toda experiência desse tipo; ela é essencial para a perfeição e indispensável para a liberdade espiritual.

5

Percebemos então que essa mudança implica sempre duas coisas: uma rejeição e uma apropriação, um lado negativo e um lado positivo; o movimento negativo liberta a alma dos laços principais, dos nós-mestres da natureza inferior; o lado positivo é uma abertura à existência espiritual superior ou uma ascensão a ela.

Mas o que são esses nós-mestres, diferentes e mais profundamente intrincados do que os nós instrumentais da mente, do coração e da força de vida psíquica?

Na Guita eles são indicados com uma grande força e uma insistência contínua e vigorosa; eles são quatro: o desejo, o ego, as dualidades e as três *gunas* da Natureza; pois ser sem desejo e sem ego é possuir a igualdade da alma, do espírito e da mente, e ser *nistraigunya* – isso é ser livre, *mukta*, conforme a ideia da Guita.

6

Podemos aceitar essa descrição, pois sua amplitude cobre o essencial.

Por outro lado, o sentido positivo de liberdade é ser universal na alma,
transcendentalmente uno com Deus em espírito
e em posse da natureza divina mais alta – poderíamos dizer:
semelhante a Deus ou uno com Ele na lei de nosso ser.

Esse é o sentido pleno e total da libertação
e essa é a liberdade integral do espírito.

Fomos já levados a falar da purificação do desejo psíquico,
do qual o desejo insaciável do prana é a base evolutiva ou,
poderíamos dizer, sua base prática.

Mas tudo isso se situa na natureza mental e psíquica;
a ausência espiritual de desejo tem um significado muito mais vasto
e mais essencial, pois o desejo tem um nó duplo:

7

um nó inferior no prana –
que é um desejo insaciável nos instrumentos,
e um nó muito sutil na própria alma,
de que a *buddhi* é o primeiro suporte ou *pratihata*,
que é a origem profunda da teia que nos escraviza.

Quando olhamos de baixo,
o desejo apresenta-se a nós como um desejo insaciável da força de vida que,
nas emoções, se sutiliza e muda em desejo insaciável do coração
e, depois, sutiliza-se ainda mais na inteligência
e muda em desejo insaciável, preferência e paixão
da tendência estética, ética, dinâmica ou racional da *buddhi*.

Esse desejo é essencial para o ser humano comum,
ele não pode viver ou agir como indivíduo
sem atrelar toda sua ação a algum tipo,
mais ou menos elevado, de desejo, preferência ou paixão.

8

Mas quando somos capazes de olhar o desejo do alto,
vemos que aquilo que sustenta esse desejo dos instrumentos
é uma vontade do espírito.

Há uma vontade, *tapas, shakti*, pela qual o espírito secreto
impõe a seus membros exteriores toda ação
e tira disso um deleite ativo de seu ser, uma Ananda,
que eles compartilham de maneira obscura e imperfeita
(se, de algum modo, forem conscientes).

Esse *tapas* é a vontade do espírito transcendente
que cria o movimento universal,
do espírito universal que sustenta e anima esse movimento,
do espírito individual livre,
que é o centro de alma de suas multiplicidades.

9

Essa é uma só e única vontade, livre em todas essas posições
ao mesmo tempo, abrangente, harmoniosa, unificada;
quando vivemos e agimos no espírito,
percebemos que essa vontade é a vontade do deleite de ser espiritual,
espontânea, luminosa, satisfeita e beatífica, sem esforço e sem desejo,
que se cumpre e se possui a si mesma.

Mas a partir do momento em que a alma se afasta da verdade universal
e transcendente de seu ser, que se inclina em direção ao ego
e tenta fazer dessa vontade algo que lhe pertence,
uma energia pessoal separada, essa vontade muda de caráter:

torna-se um esforço, uma tensão, uma força apaixonada,
que talvez tenha as alegrias ardentes
de ter se realizado e de possuir a si mesma,
mas tem também seus recuos aflitivos e a dor da labuta.

10

É isso que, em cada instrumento, torna-se vontade intelectual, emocional, dinâmica, sensorial ou vital de desejo, de ambição, de cobiça.

Mesmo quando os instrumentos *per se* são purificados do que parece provir de sua própria iniciativa e de seu tipo particular de desejo, esse *tapas* imperfeito pode ainda permanecer, e enquanto ele velar a fonte ou deformar o tipo de ação interior, a alma não terá a beatitude da liberdade, ou só poderá tê-la abstendo-se de toda ação;

e, mesmo assim, se for permitido a esse *tapas* persistir, ele reacenderá os desejos prânicos ou outros ou, no mínimo, lançará sobre o ser a sombra de sua lembrança.

11

Essa semente espiritual, ou início de desejo, deve também ser expulsa, abandonada, rejeitada; o *sadhaka* deve escolher uma paz ativa e um silêncio interior completo ou perder toda iniciativa individual, *sankalparambha*, em união com a vontade universal ou *tapas* da Shakti divina.

A maneira passiva consiste em uma imobilidade interior, sem esforço: nada querer, nada esperar, renunciar a toda ação, *niscesta, aniha, nirapeksa, nivritta*;

a maneira ativa também consiste em estar imóvel e impessoal na mente, mas permitir à Vontade suprema, em sua pureza espiritual, agir por meio dos instrumentos purificados.

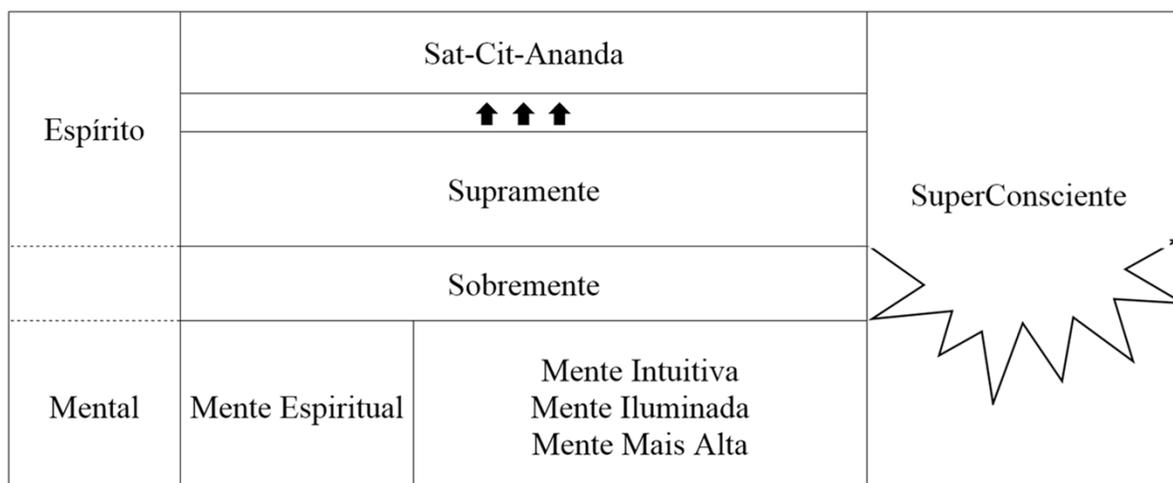
12

Então,
 se a alma permanecer no nível da mentalidade espiritualizada,
 ela se tornará apenas um instrumento,
 mas ela mesma sem iniciativa ou sem ação,
niskriya, sarvarambha-parityagi.

Mas se ela se elevar até a gnose ela será,
 ao mesmo tempo,
 um instrumento e uma participante na beatitude da ação divina
 e na beatitude da Ananda divina;

ela une em si mesma a *prakriti* e o *purusha*.

13



14

A tendência egoística,
a tendência separativa do ser,
é o fulcro de toda escravidão
e de todo o labor confuso da ignorância.

Enquanto não formos livres do sentido de ego
não pode haver liberdade real.

Diz-se que a sede do ego está na *buddhi*:
essa é a ignorância da mente discriminadora e da razão,
que fazem uma discriminação equivocada
e tomam a individuação da mente, da vida e do corpo
por uma verdade de existência separativa
e são desviadas da verdade reconciliadora maior,
que é a unidade de todas as existências.

15

De qualquer modo, no ser humano,
é sobretudo a ideia de ego
que sustenta a falsidade da existência separativa;

portanto,
o remédio eficaz é desembaraçar-se dessa ideia
e insistir na ideia contrária de unidade,
do self único, do espírito único, do ser único da natureza;

mas isso, por si mesmo, não é eficaz de modo absoluto,
pois o ego, embora se sustente por essa ideia-ego, *aham-buddhi*,
encontra um meio muito poderoso de obstinação
ou de persistência apaixonada
na atividade costumeira
da mente sensorial, do prana e do corpo.

16

Afastar de nós a ideia de ego
 não é de todo possível nem de todo eficaz
 enquanto esses instrumentos não forem purificados,
 pois sua ação persistentemente egoística e separativa
 leva a *buddhi* como um barco é levado pelo vento no mar, diz a Guita;

ela obscurece sem cessar o conhecimento na inteligência
 ou o cobre temporariamente, e é preciso restaurá-lo de novo:
 um verdadeiro labor de *Sisyphus*.

Mas se os instrumentos inferiores foram purificados
 do desejo, da ambição, da vontade, da paixão e da emoção egoísticas
 e se a própria *buddhi* foi purificada de suas ideias e preferências egoísticas,
 então o conhecimento da verdade espiritual da unidade
 pode encontrar uma base sólida.

17

Até esse ponto, o ego assume todo tipo de formas sutis
 e nós imaginamos estar livres dele,
 quando na verdade agimos como seu instrumento
 e tudo o que obtivemos é certo equilíbrio intelectual,
 que não é a verdadeira libertação espiritual.

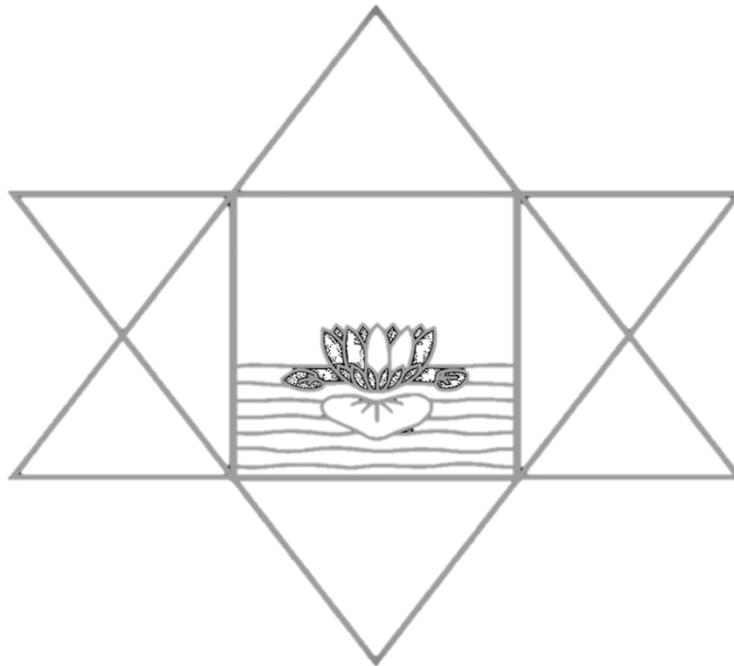
Ademais, rejeitar o sentido ativo de ego não é bastante;
 essa rejeição pode apenas trazer um estado inativo da mentalidade:
 certa quietude passiva e inerte do ser separado
 pode tomar o lugar do egoísmo ativo,
 o que tampouco é a verdadeira libertação.

O sentido de ego deve ser substituído
 pela unidade com o Divino transcendental
 e com a existência universal.

18

Quando você não tem nada para fazer,
você fica inquieto, você corre,
vai e encontra amigos, dá um passeio
– falo apenas do que é melhor,
não falo de coisas que claramente não devem ser feitas –
em vez disso, sente-se calmamente diante do céu,
diante do mar ou sob as árvores, o que for possível,
- aqui você tem todas as coisas e tente realizar uma delas,
entender por que se vive, aprender como se deve viver,
pensar no que se deseja fazer e o que se deve fazer,
qual a melhor forma de escapar da ignorância,
da falsidade e da dor em que se vive.

19



20